

Tradição oral: inclusão dos mitos e lendas locais nas salas de aula da EJA

Eliana Vasconcelos da Silva Esvaelⁱ

Maria José Davi Gomesⁱⁱ

Josete Marinho de Lucenaⁱⁱⁱ

Resumo: A tradição oral, retransmitida por diversas gerações, está presente fortemente na memória coletiva e na cultura brasileira. No entanto, essa sabedoria oral das lendas e dos mitos raramente são abordados em sala de aula. Assim, o referido trabalho tem como objetivo apresentar as contribuições dos mitos e lendas locais da cidade de Lucena - Paraíba, no ensino da EJA (Educação de Jovens e Adultos) nas aulas de Língua Portuguesa para o aprimoramento das habilidades e competências comunicativas. A metodologia tem como foco a pesquisa qualitativa através do relato de experiência de viés dedutivo e análise qualitativa. É de extrema importância a introdução da oralidade dos mitos e lendas locais em sala de aula, pois se tornará um instrumento de inclusão da tradição oral no âmbito escolar. À luz de autores como: Ecléa Bosi (1994), Maurice Halbwachs (1990) e Thierry Jeantet (1986), entre outros, será fomentado neste trabalho.

Palavras-chave: Tradição oral. Memória. EJA. Mitos e lendas.

Oral tradition: inclusion of local myths and legends in EJA classrooms

Abstract: The oral tradition, relayed by several generations, is strongly present in collective memory and in Brazilian culture. However, this oral wisdom of legends and myths is rarely addressed in the classroom. Thereby, this work aims to present the contributions of local myths and legends from the city of Lucena, Paraíba, in the teaching of EJA (Youth and Adult Education) in Portuguese Language classes for the improvement of communicative skills and competencies. The methodology focuses on qualitative research through the experience report of deductive bias and qualitative analysis. It is extremely important to introduce the orality of local myths and legends into the classroom, as it will become an instrument for including oral tradition in the school environment. In the light of authors such as Ecléa Bosi (1994), Maurice Halbwachs (1990), and Thierry Jeantet (1986), among others, will be fostered in this work.

Keywords: Oral tradition. Memory. EJA. Myths and legends.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
Compartilha Igual 4.0 Internacional

DLCV – Língua, Linguística & Literatura

ISSN 1679-6101
EISSN 2237-0900

ⁱ Doutora em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Estágio de doutorado-sanduiche (CAPES/COFECUB 2008/2009) no Laboratoire de Linguistique et Didactique des Langues Etrangères et Maternelles da Université Stendhal-Grenoble – 3, na França. E-mail: maxiel@uol.com.br.

ⁱⁱ Pós-graduada em Orientação Educacional, Supervisão Escolar – CINTEP-2014, e Ciências da Linguagem com Ênfase em Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: majudg2013@gmail.com.

ⁱⁱⁱ Doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Atualmente é professora associada no Departamento de Língua Portuguesa e Linguística (DLPL) e do Mestrado Profissional em Linguística e Ensino (MPLE) da UFPB. E-mail: josete.marinho@academico.ufpb.br.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho surgiu a partir da vivência dos estudantes em sala de aula da Educação de Jovens e adultos (EJA) com as lendas e mitos presentes na tradição oral da comunidade de Lucena, cidade do litoral norte da Paraíba, na qual ainda se preservam as histórias orais como valorização e herança cultural.

Nesse viés, as reflexões aqui apresentadas por meio da prática educativa nas aulas de Língua Portuguesa dizem respeito também à literatura oral, à identidade, à memória coletiva, à ressignificação das narrativas orais a partir dessa vivência em sala de aula.

Diante disso, é perceptível que a inserção das lendas e mitos locais na sala de aula da EJA tem a capacidade de fortalecer ainda mais a cultura local, a literatura oral na escola, sendo ferramenta significativa para o desenvolvimento das competências e habilidades da oralidade no processo de ensino-aprendizagem dos educandos, bem como favorecendo a aproximação deles com a realidade.

Vale destacar que essas histórias narradas são saberes acumulados e disseminados por antepassados transmitidos oralmente, deste modo há um resgate de suas origens históricas e culturais que adentram o âmbito escolar tornando significativo o momento de partilha de conhecimentos com os estudantes.

Por conseguinte, o respeito e a valorização da cultura local por meio da tradição oral não devem partir só dos educandos, mas de toda comunidade escolar, mas, precisamente, é necessário estar inserida nas práticas de ensino da língua, sendo discutida e compreendida em sala de aula, promovendo interação e enriquecendo esse arcabouço cultural de um povo.

Diante desta complexidade referente à tradição oral um dos aspectos marcantes é a interação comunicativa, o desenvolvimento das habilidades e competências comunicativas, o acesso aos diferentes saberes no que se refere aos aspectos cognitivos e linguísticos, contemplando, ainda, o exercício da criatividade do indivíduo que se apropria.

Assim, serão apresentados neste artigo as contribuições da tradição oral dos mitos e lendas locais da cidade de Lucena - Paraíba, no ensino da EJA nas aulas de Língua Portuguesa para o aprimoramento das habilidades e competências comunicativas. As discussões explanadas, conforme mencionadas acima, estão estruturadas seguindo a sequência de introdução, seções, expondo métodos, reflexões, referenciais teóricos, que nortearam esse processo de ensino aprendizagem bem como, serão relatadas as considerações finais que abrange a base para estudos futuros na área.

MEMÓRIA COLETIVA DE UM POVO

Ao tratar a memória compreendemos que ela reconstrói o passado por meio da lembrança coletiva. A memória coletiva consiste numa ação social, na reconstrução do passado vivenciado por uma determinada sociedade, isto é, os diversos grupos sociais são formadores da memória coletiva.

A memória representa o passado que se encontra no presente, isto é, as lembranças se constroem socialmente entre as pessoas. Vale destacar que os idosos são muito importantes na construção da memória histórica, social e cultural da sociedade. Eles exercem um papel social na vida atual, o de relatar suas histórias, contar e lembrar para as novas gerações a sua história de vida. Apesar de serem na maioria das vezes excluídos de seu grupo social, são memórias vivas de uma sociedade, pois “a memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.” (BOSI, 1994, p. 47).

Maurice Halbwachs (1990), sociólogo francês, ao tratar da Memória Coletiva relata: “as lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais, só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos.” (HALBWACHS, 1990, p. 26). Nesse sentido, o autor reforça que ela não acontece no individual, depende do outro, ou dos outros, para se tornar um acontecimento coletivo.

Para Halbwachs (1990) a memória coletiva só é acionada se as memórias individuais constituírem os traços necessários. Portanto, a memória individual tem a capacidade de absorver da memória coletiva fatos relacionados às suas lembranças, como se a memória individual resultasse de um ponto de vista da memória coletiva, e este ponto de vista modifica segundo o ambiente que a pessoa ocupa. E este ambiente modifica conforme as relações que a pessoa mantém com outros meios, lugares.

Bosi (1994) traduz as ideias de Halbwachs (1990), explicando que:

A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, a escola, a igreja, com a profissão, enfim com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo. [...] Se lembramos é porque os outros, a situação presente, nos fazem lembrar[...] (BOSI, 1994, p. 54).

Nesta perspectiva, o aprimoramento dessas relações pode contribuir com a fomentação da memória coletiva na escola. Embora sabendo da importância de cultivar a memória coletiva, as lembranças para ressignificar a história, a própria existência, valorizando assim a tradição oral, essa memória coletiva por meio da tradição oral, visando o aspecto cognitivo e cultural

que a partir dela se propõe para o ensino e aprendizagem, ainda é pouco resgatada em sala de aula.

A escola perde ao não destacar a importância da memória coletiva expressada pela oralidade, pois a língua de um povo é fator social de legitimidade estabelecendo assim, as identidades linguísticas do falante. O trabalho com a oralidade deve ser incluído em sala de maneira efetiva, assim como a leitura e a escrita de mitos e lendas locais, passados de geração a geração, oralmente.

Considera-se que é na tradição oral dos mitos e lendas locais enfatizados nas salas de aula da EJA que a memória coletiva, cultural e histórica pode ser valorizada e resgatada. Nesse sentido os mitos e lendas locais compreendem a transmissão do conhecimento de um povo, passado pelos antepassados, sendo uma importante fonte da memória popular.

A partir dos estudos de Halbwachs (1990) sobre memória coletiva, determina-se que o fenômeno das lembranças, ao longo do tempo, se efetiva nos contextos sociais ocasionando a reconstrução dessas recordações, nunca de maneira isolada, mas sempre coletiva, desta forma, influenciam-se mutuamente.

Ao abordar a questão da divisão social do tempo, explica-se que:

[...] não deixou de observar que um indivíduo isolado poderia, a rigor, ignorar o tempo que se esvai e se achar incapaz de medir a duração, mas que a vida em sociedade implica que todos os homens se ajustem aos tempos e às durações, e conheçam bem as convenções das quais são objetos. (DURKHEIM, 1990, p. 90).

Contudo, viver em sociedade diante do tempo mostra-se no presente que a complexidade das memórias que foram construídas, fazem parte do passado que é permanentemente reconstruído e vivenciado por meio da ressignificação entre os grupos sociais. "A memória poderá ser conservação ou elaboração do passado, mesmo porque o seu lugar na vida do homem acha-se a meio caminho entre o instinto, que se repete sempre, e a inteligência, que é capaz de inovar." (BOSI, 1994, p. 68).

Dessa forma, a sociedade letrada ou não letrada se apropria da memória coletiva dos mitos e lendas locais, por meio da oralidade, pois ela possibilita a interação entre os grupos sociais, cada pessoa leva em si uma lembrança, desta maneira estando sempre interagindo com as demais pessoas.

Para tanto, são através dessas relações sociais que se constrói as memórias, lembranças, isto é, essas relações possibilitam determinadas formas de viver em sociedade. Segundo Bosi (1994), a memória dos idosos constitui a história social bem desenvolvida, já que ultrapassou

um determinado tipo de época e sociedade, sua memória atual é mais definida do que uma memória jovem. “Um verdadeiro teste para hipótese psicossocial da memória, encontra-se no estudo das lembranças das pessoas idosas.” (BOSI, 1994, p. 60). Muitas delas vivem dessas memórias.

No entanto, apesar de todas essas questões acerca da memória, da tradição oral, atualmente há poucas oportunidades para inclusão do resgate da memória por meio da oralidade, da tradição oral em sala de aula. O professor precisa reconhecer a importância da sua cultura e história por meio da tradição oral no espaço escolar, perpassando os “*muros*” da escola, em busca da oralidade dos idosos, ou seja, dos mais experientes, para relatarem suas histórias do passado, ativando e exercitando suas lembranças por meio do diálogo, levando-o a perceber como cidadãos atuantes na sociedade.

Nesse sentido, recorre-se às ideias de Bosi (1994) que considera que há um momento na vida em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, mas passa a ser um “repositório” de muitas histórias e de muitas memórias. Segundo a autora,

Nas tribos primitivas, os velhos são os guardiões das tradições, não só porque eles as receberam mais cedo que os outros, mas também porque só eles dispõem do lazer necessário para fixar seus pormenores ao longo de conversações com outros velhos, e para ensiná-los aos jovens a partir da iniciação. Em nossas sociedades estimamos também um velho porque, tendo vivido muito tempo, ele tem muita experiência e está carregado de lembranças. Como, então, os homens idosos não se interessariam apaixonadamente por esse passado, tesouro comum de que se constituíram depositários, e não se esforçariam por preencher, em plena consciência, a função que lhes confere o único prestígio que possam pretender daí em diante? (BOSI, 1994, p. 92).

Embora a memória dos idosos por meio da oralidade seja pouco enfatizada em nossa sociedade, se perdendo ao longo do tempo por falta da valorização e da transmissão, se faz necessário adotar em sala de aula práticas pedagógicas que valorizem de maneira significativa a tradição oral pautada na cultura e história local, isto é, as escolas devem estar sensibilizadas quanto à valorização da inclusão dos saberes orais de um povo, incluindo-os em seu currículo.

Assim, os conhecimentos da tradição oral serão guardados e transmitidos oralmente, sem serem extintos com o tempo, proporcionando também vínculos entre as pessoas. De acordo com Halbwachs (1990), para compreender o universo mental de um povo é preciso mergulhar no seu mundo, viver sua vida, no tempo e no espaço. “Consideramos agora a memória individual, ela não está inteiramente isolada e fechada. Um homem, para evocar seu próprio

passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros.” (HALBWACHS, 1990, p. 54).

A constituição dessa memória, então, se dá na interação com outras memórias individuais, em um cruzamento de lembranças. “A função da lembrança é conservar o passado do indivíduo na forma que é a mais apropriada a ele.” (BOSI, 1994, p. 68). Para ele, a unidade individual guarda ilesas as imagens do passado, porém podem modificar conforme as condições concretas do seu desenvolvimento.

Em *Memórias de velhos*, explica que o homem ativo, independente de idade, “se ocupa menos em lembrar, exercendo menos sua memória, ao passo que o homem já separado dos trabalhos mais prementes do cotidiano se dá mais habitualmente à recordação do seu passado.” (BOSI, 1994, p. 63). Quem convive com avós ou com pessoas mais velhas, vivencia essa experiência. Na função social da pessoa mais velha esse exercício de resgate é o que o caracteriza e o que o remete adiante.

Para tornar mais evidente, a identidade coletiva é construída historicamente por meio dessas narrativas de vida compartilhadas, estando diretamente relacionadas às memórias individuais que cada indivíduo traz consigo, pois “se a memória é ‘geradora’ de identidade, no sentido que participa de sua construção, essa identidade, por outro lado, molda predisposições que vão levar os indivíduos a ‘incorporar’ certos aspectos particulares do passado, a fazer escolhas memoriais.” (CANDAU, 2012, p. 19).

BREVE CONCEITO SOBRE LITERATURA ORAL

É notório que a Literatura Oral exerce grande poder social e cultural, mas em se tratando da educação formal, trabalhar oralidade em sala de aula a partir da perspectiva da literatura oral ainda é um desafio, por isso é ainda muito ausente nas escolas. No entanto, as narrativas populares têm se tornado cada vez mais atrativas e necessárias em sala de aula para o bom desenvolvimento linguístico dos estudantes. Apesar do aumento de estudos sobre o ensino do texto oral, ainda tem sido pouco abordado nos campos linguísticos e literários, pois os estudos da escrita sempre prevalecem em primeiro plano nas escolas.

De acordo com Alves (2021), o estudo da literatura oral era associado ao estudo do folclore e da cultura popular, ambos percebidos como frutos de uma expressão natural, necessitada do trabalho de aprimoramento da arte letrada e erudita. Por este motivo, os estudiosos da poesia oral eram chamados de primitivos. (ZUMTHOR, 2010). Tais pesquisas descobriram uma transformação de paradigma após o trabalho de Milman Parry que, como

relata Ong (1998), descobriu que a obra de Homero era fundada em uma tradição oral grega que era independente da escrita. Diante disso, os pesquisadores, estudiosos de diferentes áreas se sensibilizaram a pensar de um jeito diferente a dinâmica da tradição oral, comprovando assim que escrita e oralidade não são pontos divergentes da língua, mas algo que favorece a função social de cada uma perante a sociedade.

Alves (2017) afirma que:

Mesmo com o conto exposto virtualmente, o importante é que é a memória e a imaginação das pessoas continuam cada vez mais aguçadas e criativas, pois não perdemos, nem perderemos o prazer de contar, ouvir/ler histórias que marcam a nossa cultura, os nossos costumes; histórias contadas que veiculam saberes da condição humana, o saber popular, refletem sentimentos típicos do ser humano, que vêm à tona ao ouvirmos as narrativas populares. São crenças compartilhadas, valores do imaginário coletivo que mostram uma visão do mundo e que são significativos para a cultura de qualquer comunidade. (ALVES, 2017, p. 80).

Com base no exposto acima, a literatura oral representada pelos contos, narrativas populares ainda exercem grande função social, cultural e literária na sociedade, pois ilustram as crenças e costumes de um povo durante muito tempo, pois é por meio dela que se compreende a linguagem em todos os seus aspectos, sobretudo como prática social e interativa entre os sujeitos.

Segundo Hanks (2008), nas abordagens de Bourdieu (1975) a concepção da língua(gem) consiste em não excluir o sujeito da ação comunicativa e social, é necessário concebê-la como produto dialético do meio, na qual aparece interligada a noção de espaço social. A relação entre linguagem e interlocutores é que ambas são instrumentos de interação comunicativa, produzindo assim efeitos de sentido em uma determinada situação de uso.

No que concerne sobre como constitui a língua(gem) sozinhos, é importante ressaltar que a língua não se constitui isoladamente, ela é produto de interação com o meio, entretanto, ela é algo natural do ser humano desde o nascimento. Deste modo, a língua por ter esse caráter interativo social ela deve consistir em uma ação de um sobre o outro, entre locutor e interlocutor, na qual a escuta e compreensão também fazem parte, caracterizando o processo democrático da língua.

Seguindo esse viés, sobre língua(gem), a Literatura oral se materializa por meio de um conjunto de produções orais que são extraordinários testemunhos da cultura de uma comunidade que impõe ao leitor/ouvinte interagirem com o meio, porém é necessário compreender que os textos orais requerem um conceito mais amplo de significados que os distinguem da cultura escrita.

Para tanto, “[...] Literatura oral? Literatura popular?... Serão as narrativas que ainda se transmitem oralmente ou também aquelas que já foram registradas por escrito, incluídas no conceito?” (MACHADO, 2008, p. 13). Em conformidade com Machado (2008) a literatura Popular expressa à tradição oral, a demonstração artística popular, então entraria em qualquer termo interrogado acima. Vale salientar, que a literatura oral, seja ela manifestada pelos contos populares, lendas, mitos, contos de assombração, cordel, entre outros é inserida de maneira mais fácil no universo infantil, juvenil, ou seja, ouvir histórias orais é mais comum e cultural desde a infância.

Em suma, ao longo dos anos, independente de tempo, a Literatura oral sempre terá sua importância e se fará presente atualmente, pois faz parte da herança cultural milenar dos povos, e se caracteriza como valorização dos saberes orais, sendo fundamentada nas relações e experiências humanas, bem como ilustrando os acontecimentos do passado refletidos no presente.

Assim, a Literatura oral no âmbito educacional exerce grande estima no fazer literário docente, justamente por fazer parte da cultura. É na escola que o estudante deve encontrar a liberdade de criação e expressão, considerando sua experiência de mundo, bem como seus valores culturais e históricos, participando efetivamente da construção de sua aprendizagem. Em suma, segue-se então na próxima seção a discussão sobre os mitos e lendas locais que serão abordados como componentes centrais de valorização cultural.

MITOS E LENDAS LOCAIS COMO INSTRUMENTO DE VALORIZAÇÃO CULTURAL

A tradição da história falada é expressa por meio da literatura oral dos contadores de histórias, dos antepassados que costumavam contar histórias para os mais jovens. Histórias essas que traziam em seu contexto vários aspectos culturais de um determinado lugar, como por exemplo, as lendas e mitos que foram retratados neste trabalho.

Os mitos e lendas desde muito tempo fazem parte da oralidade, ou seja, são representadas pela tradição oral, no entanto, ambas apresentam características distintas. As lendas são narrativas orais que esclarecem fatos sobrenaturais e misteriosos, mesclando casos reais e imaginários por meio da fantasia.

Deste modo, as lendas são histórias narradas que retratam a tradição popular, fazendo assim parte da cultura. Com o passar do tempo as lendas são transformadas através da oralidade

e fantasia do povo. Por serem frutos da imaginação do povo são repassadas de geração a geração, não havendo esclarecimento científico e nem lógico para tais narrativas.

Diante disso, não se pode ignorar o estudo das narrativas míticas, das lendas e dos mitos “enquanto representações da realidade, de um certo modo de viver e de pensar, de um imaginário coletivo fundamental para a compreensão do passado.” (FONTES, 2021, p. 91). Para Mattoso (1997) a memória coletiva baseia-se numa reconstituição imaginária, mítica, mesmo quando resulta da transmissão escolar, porque condiciona, muitas vezes, os comportamentos coletivos. Os mitos, diferentemente das lendas, são narrativas orais usadas pelos povos de antigamente para esclarecer acontecimentos da realidade e feitos da natureza que não eram abrangidos por eles.

Desta maneira, essas narrativas orais usam de muita simbologia, figuras sobrenaturais, divindades e heróis, sendo mesclados com acontecimentos reais, tendo como objetivo transmitir informações e esclarecer coisas que a ciência ainda não havia explanado conforme as credences populares produzindo assim significados para a existência.

Nesse sentido, os mitos e lendas eram contados nos momentos de lazer entre as pessoas, em rodas para enfatizar as crenças de um povo por meio do contador de histórias, eram também usadas para disciplinar os mais novos, influenciando no comportamento. Dependendo da memória do contador essas narrativas podem ser breves ou até mesmo longas. Por ser uma concepção coletiva, os mitos e lendas dentro da tradição oral não possuem propriamente uma autoria dessas histórias, isso faz com que as inspirações e imaginação de seus contadores tragam uma característica a mais nas suas narrativas.

É inegável, diante deste cenário da tradição oral, o poder da palavra falada como instrumento de valorização cultural, pois os povos expressam suas identidades culturais conforme cada história contada construindo assim coletivamente seus valores ancestrais.

A IMPORTÂNCIA DOS MITOS E LENDAS LOCAIS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A proposta foi desenvolvida com os estudantes da EJA de uma escola Municipal, composta por jovens e adultos em sua maioria pessoas da Zona Rural da cidade de Lucena, litoral norte da Paraíba. A partir de rodas de conversas, o conceito de lenda e mito foi apresentado aos estudantes da EJA, ressaltando a importância da tradição oral e da sua presença na cultura. Após as primeiras discussões os estudantes lembraram suas infâncias em que seus

avós e pais contavam histórias à noite em frente das casas, na beira da fogueira, no qual juntava toda vizinhança e começavam assim a sessão de contação de histórias.

A oralidade em sala de aula torna-se significativa quando os educandos e a professora refletirem sobre a problematização relacionada à tradição oral na comunidade. Para melhor embasar essas ideias, reporta-se mais uma vez a obra de Bosi (1998):

A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo 'atual' das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra 'desloca' estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva, ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e permanente, oculta e invasora. (BOSI, 1998, p. 46-47).

Assim, a memória deve ser acionada, estimulada pelas lembranças, ligando passado e presente, o momento proporcionando a constituição da história individual e coletiva, confirmando os conceitos de Ecléa Bosi, retratados em sua obra “Sociedade e memória: Lembranças de Velhos” (1994).

No entanto, atualmente pouco se vê esse costume lucenense de contar histórias orais, perdendo assim sua identidade e tradição ao longo do tempo. Percebe-se que durante a roda de conversa sobre o tema abordado no trabalho, a maioria dos educandos que ressaltaram suas lembranças através da memória, do costume de contar histórias foi as pessoas acima de 30 anos, os jovens e adolescentes presentes poucos falaram a respeito desse contexto cultural, demonstrando timidez, vergonha e falta de conhecimento.

Essa atitude comprovou que os conhecimentos populares, ou seja, a tradição oral aos poucos está se perdendo, os jovens e adolescentes em sua maioria estão cada vez mais distantes da sua história e cultura local. Vale destacar que com o avanço tecnológico, as tradições culturais vêm perdendo espaço, sofrendo assim fortes influências da globalização.

Com base nas ideias de Halbwachs (1990), não existe memória coletiva sem espaço, a inclusão do espaço é essencial para a construção da memória coletiva, os meios materiais servem de apoio concreto para a efetivação das recordações existentes na memória.

Logo, se não for exercitada essa memória por meio das lembranças, isto é, quando não estimulada, ela vai perdendo sua eficácia, suas lembranças com o decorrer dos anos vão sendo esquecidas, sendo sujeita a mudanças, transformações culturais.

Neste viés, os estudantes relataram também que antigamente não se tinha tantos meios tecnológicos para entretenimento, que atualmente seduzem as crianças e adolescentes, por este

motivo as crianças costumavam ouvir mais histórias, vivenciar a sua infância mais tarde, valorizando deste modo os aspectos culturais presentes na comunidade.

Thierry Jeantet (1986), fala que a televisão possui grande influência sobre os indivíduos com relação as suas informações, no entanto, a televisão, os meios tecnológicos de comunicação em si devem ser despertadores, significativos para realidade e construtivos e não impor, alucinando negativamente os indivíduos por meio de programações insignificantes. A televisão deve favorecer um indivíduo coletivo que se envolva efetivamente em seu meio social, histórico, cultural e político.

Durante o relato de experiências sobre o passado os discentes enfatizaram que os mitos e lendas contados por seus antepassados instiga a imaginação, essas histórias sobrenaturais faziam com que muitas crianças ficassem com medo e mais estimuladas ainda a ouvir todas as noites as histórias contadas pelo povo, era assim como diziam a respeito dos causos, lendas e mitos relatados pelos mais velhos.

A Pesquisa em campo sobre os mitos e lendas locais foi realizada pelos educandos na comunidade, eles recolheram essas histórias através da oralidade dos mais experientes, isto é, dos “griots”, que assim, como os contadores da África eles costumam contar suas tradições orais do seu povo ao redor das fogueiras.

Ao analisar e socializar as lendas e mitos trazidos pelas turmas de EJA (Educação de Jovens e Adultos) constatou que cada história trouxe um aspecto a mais ao ser contado, ou seja, sabe-se que com o passar do tempo às narrativas orais vão sendo modificadas, portanto a memória coletiva permite essas transformações, digamos que esses mitos e lendas foram construídos coletivamente por meio da oralidade de um povo.

As narrativas orais a seguir foram pesquisadas e relatadas pelas turmas de 7ª e 8ª séries da EJA de uma Escola Municipal nas comunidades da zona rural e urbana da cidade de Lucena, litoral norte da Paraíba:

1.1 *O BATATÃO* - Bola de fogo que aparece na beira mar, assustando as pessoas, principalmente os pescadores, dizem que quando as pessoas chamam, Batatão, Batatão..., a bola de fogo aparece e se aproxima da pessoa, crescendo cada vez mais...

1.2 *LENDA DA FITA* - Fita azul que sai voando das ruínas da centenária Igreja de Nossa Senhora do Bom Sucesso e segue ruma à beira da praia faz com que as pessoas corram atrás dela, numa enorme velocidade, quanto mais se corre mais a velocidade da fita aumenta...

1.3 *LENDA DA PROCISSÃO* - Segundo os moradores mais antigos, desde os primórdios de Lucena, existe uma procissão das almas que sai à meia noite do cemitério e seguem pela rua

principal de Lucena, cantando com velas nas mãos até a igreja católica, muitas pessoas relataram que já viram...

1.4 *A GALINHA DE OURO* - Na comunidade da Ponta de Lucena, segundo seus moradores aparece uma galinha de ouro acompanhada de seus pintinhos de ouro...

1.5 *LENDA DO PÉ DE ANGELIM* - Próximo ao cemitério da comunidade da Ponta existia antigamente um pé de Angelim, no qual tinha uma alma penada que todas as vezes que passavam pessoas a meia noite, próximo ao Angelim levavam uma surra de urtiga da alma penada...

1.6 *AS BRUXAS DA PRAIA* - Segundo um dos moradores mais antigos da cidade, relatou que quando jovem costumava dormir nos barcos que ficavam a beira mar, certa noite acordou com duas mulheres conversando, em uma língua na qual não compreendi. As mulheres colocaram o barco no mar sem perceber o homem, o mesmo navegou para um lugar distante e diferente no oceano, como se fosse um lugar mágico, escondido embaixo da lona consegui visualizar duas bruxas a sua frente, voltando assim para o mesmo lugar de origem, o homem ao amanhecer ficou muito assustado relatando a história para os demais pescadores...

1.7 *A CUMADRE FULOZINHA* - Divindade das matas em forma de mulher tem cabelos longos e pretos, anda nua e vive nos cajueiros, segundo os moradores a Comadre Fulozinha faz tranças nos rabos dos cavalos e embaraça os cabelos longos das mulheres, duas mulheres relataram que foi atacado pela Comadre cortando seus cabelos devido o embaraço que a mesma provocou, muitas pessoas relatam que já viram a divindade nas matas lucenenses...

1.8 *LOBISOMEM* - Homem que vira um bicho feroz, mistura de lobo e homem à meia noite da sexta-feira, nas noites de lua cheia. Existia um homem que segundo algumas pessoas mais velhas viravam lobisomem, pois eram amaldiçoadas, todas as sextas-feiras nas noites de lua cheia, os cachorros latiam muito, isso era sinal que o Lobisomem passava amedrontando as pessoas.

Certo dia, em noite de lua cheia um homem dormia no terraço de sua casa, quando ouvi os cachorros latindo e um barulho de bicho bufando, quando olhou viu um enorme bicho com olhos vermelhos e dentes afiados, entrou correndo para sua casa...

1.9 *LENDA DOS IRMÃOS GÊMEOS DO CONJUNTO* - Os moradores do Conjunto Antônio de Chico, relatam que já viram duas almas penadas de crianças aparecem chorando a meia noite nas ruas do Conjunto. Segundo o povo, duas crianças pagãs foram enterradas embaixo de um cajueiro que fica localizado no Conjunto...

2.0 *LENDA DA IGREJA DA GUIA* - Desde muito tempo os moradores de Lucena, através de seus antepassados relatam que a Igreja da Guia tem muitos mistérios e lendas, umas

delas é que muitas pessoas já viram uma mulher com longos cabelos e vestida de branco aparece nos arredores da igreja, outra é que existe um túnel que liga as duas igrejas centenárias de Lucena, Bonsucesso e Guia e por último que é que dentro desse túnel vive 2.1 - uma enorme cobra milenar...

2.1 *LENDA DA MISERA (MISÉRIA)* - Velha de aparência feia, que aparece com roupas sujas e esfarrapas, levando uma trouxa na cabeça, quando alguém pronuncia a palavra MISERA (termo usado, como miséria, no qual as pessoas chamam como um palavrão)...

2.2 *A BOTIJA DE OURO* - Dizem que antigamente existia uma botija de ouro na Igreja do Bonsucesso, na qual um dos moradores muito conhecido na cidade arrancou a mesma e foi morar em outra cidade. Segundo as pessoas essa atitude de sair de Lucena comprovou a existência dessa Botija, pois quando se arranca uma botija a pessoa que arrancou tem que sair do lugar e morar em outro, pois se permanecer pode morrer...

2.3 *A LENDA DO PADRE ENFORCADO* - Com base nas informações dos moradores mais antigos, há muito tempo atrás um padre se enforcou num cajueiro. Muitas pessoas que passam nesse local à noite sentem um peso na moto ou bicicleta, como se estivesse uma pessoa sentada...

2.4 *A LENDA DO BENEDITO BACURAU* - Alma penada que aparece como uma sombra gigantesca de um homem com chapéu, segundo as pessoas costumam aparecer à noite nas matas, quando se pronuncia “Benedito Bacurau tá no olho do pau”...

2.5 *A LENDA DA CORRENTE DE OURO* - Uma corrente de ouro surge do nada próximo à igreja do Bonsucesso, segundo as pessoas existia há muito tempo atrás próximo a igreja um porto para atracar as embarcações. Quem ver essa corrente e tocá-la nunca mais terá paz espiritual, portanto quem enxergar não deve tocá-la...

2.6 *A LENDA DO TONEL* - Segundo os moradores na zona rural do Marcos João, à meia noite rola um tonel de uma barreira até em baixo, todos já ouviram, quando vão olhar não veem nada, dizem que é uma assombração do local...

Os resumos das lendas e mitos retratados nas salas de aula viabilizaram a inserção e contribuição da tradição oral na prática educativa, na escola em si, como meio facilitador da oralidade, a literatura oral se entrelaçou a leitura e escrita, com a mesma importância para o processo de ensino e aprendizagem.

A escola composta por professores, alunos e comunidade entendeu o valor da ressignificação, pois foram dados novos significados, a tradição oral local, valorizando a sua importância para cultura popular local, resgatando a cultura oral através desse trabalho

realizado com todos, compreendendo também que os mais idosos têm muita história dentro de si para contar, trazendo consigo suas memórias e valores históricos e culturais.

Assim, uma cultura que existe há milênios, tem algo a nos dizer, a história recente da comunidade está na oralidade dos mais velhos. Deste modo, a história se inicia com a oralidade que está constantemente presente no nosso meio, a tradição oral se constrói com cada tempo e em cada época, as pessoas vivenciaram uma história, um tempo e uma realidade diferente, quem mais poderia falar experientemente do passado e da memória a não serem os nossos idosos.

Segundo o provérbio africano, na África quando um griot morre é como se uma biblioteca fosse queimada e diversos exemplares de histórias fossem destruídos. Deste modo, a tradição oral mantém viva a chama da nossa história e cultura por meio da nossa ancestralidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como introdução ao tema, buscou-se esclarecer de maneira concisa, a contextualização histórica da tradição oral por meio dos mitos e lendas locais, foi de eficaz valor o esclarecimento sobre a história oral, a investigação relacionada ao motivo da extinção dessa tradição oral, bem como a relevância dessas narrativas no espaço escolar.

Apreciando o estudo da tradição oral, ressalta-se a precisão da escola em perceber a contribuição da oralidade, assim como a leitura e escrita nas aulas de Língua Portuguesa. Sendo assim, a oralidade deve ser mais enfatizada no espaço escolar, ou seja, na prática educativa, sendo um aspecto relevante para o desenvolvimento social e cognitivo dos educandos no que se refere às competências e habilidades.

Por conseguinte, a oralidade é sinônimo de interação entre os indivíduos, deste modo quando os contadores expressam, contam suas histórias eles estão interagindo com as demais pessoas, desempenhando um papel social, sendo transmissor de conhecimentos, saberes historicamente acumulados com o tempo.

Manter a preservação da memória coletiva é fortalecer a imaterialidade cultural de um povo, pois a pesquisa realizada com os estudantes na comunidade sobre os mitos e lendas locais, viabilizou maior aprofundamento da cultura relacionada à tradição oral dentro da escola, viabilizando também a disseminação dessa herança cultural para as futuras gerações.

Com a realização deste trabalho foi possível refletir na forma como a tradição oral pode ser desenvolvida na sala de aula, pois como constata a cultura oral ainda permanece viva na memória da comunidade, resgatando assim a história e cultura. Portanto, a partir dessa compreensão é perceptível que o estudo da tradição oral no ensino de Língua Portuguesa

apresenta uma abordagem de referencial teórico pautada na valorização dos variados saberes culturais e o seu processo de transmissão como instrumento de resgate das identidades dos estudantes, a fim de preservar nos diversos contextos sociais as manifestações da língua tornando mais presentes nas salas de aula.

REFERÊNCIAS

- ALVES, M. A. Literatura popular e ensino: trabalhando conto e reconto em sala de aula. *Revista Linguagens e Letramentos*. v. 2, n. 2, 2017.
- ALVES, R.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F.; BORTOLIN, S. Mediação da literatura por meio da voz. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM INFORMAÇÃO E MEDIAÇÃO, 3. III EPIM. *Anais...* Marília, 2021. Disponível em: <https://portalconferenciasppgci.marilia.unesp.br/index.php/IIIIEPIM/IIIIEPIM/paper/viewFile/97/222>. Acesso em: 29 jan. 2021.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Editor, 1979.
- CANAU, J. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.
- DURKHEIM, E. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Editora Nacional, 1990.
- FONTES, V. *Mitos e lendas*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Biblioteca Digital. 2021.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos tribunais, 1990.
- HANKS, W. F. *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2008.
- JEATET, T. *O indivíduo coletivo*. Tradução: Laurent L. Schaffter. São Paulo: Vértice, 1986.
- MACHADO, M. Z. (org.). *A escolarização da leitura literária*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- MATTOSO, J. *A escrita da História*. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.
- ONG, W. J. *Oralidade e cultura escrita*. Tradução: Enid Abreu Dobránsky. São Paulo: Papyrus, 1998.
- ZUMTHOR, P. *Introdução à poesia oral*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.